

## REGIÕES DE BASE DA COIAB

# XI Assembleia Geral da Coordenação Indígenas da Amazônia Brasileira: pela garantia e proteção dos territórios

5



PROJETO  
CONFLITOS SOCIAIS E  
DESENVOLVIMENTO  
SUSTENTÁVEL NO  
BRASIL CENTRAL

## CONFLITOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL CENTRAL

### XI Assembleia Geral da Coordenação Indígenas da Amazônia Brasileira: pela garantia e proteção dos territórios

#### Expediente

Periodicidade: irregular;

Idioma: Português

#### Editorial

PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA – PNCSA

#### Coordenação Geral

Alfredo Wagner Berno de Almeida – PNCSA/UEA  
Carmen Lúcia Silva Lima – PNCSA/UFPI  
Franklin Plessmann de Carvalho – PNCSA/UFRB  
Helciane de Fátima Abreu Araújo – PPGCSPA /UEMA  
Jurandir Santos de Novaes – PPGCSPA /UEMA

#### Conselho Editorial

Otávio Velho – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil  
Dina Picotti – Universidade Nacional de General Sarmiento, Argentina  
Henri Acselrad – IPPUR – UFRJ, Brasil  
Charle Hale – University of Texas at Austin, Estados Unidos  
João Pacheco de Oliveira – PPGAS-MN/UFRJ, Brasil  
Rosa Elizabeth Acevedo Marin – NAE/UFPA, Brasil  
José Sergio Leite Lopes – PPGASMN/ UFRJ, Brasil  
Aurélio Viana Jr. – Fundação Ford, Brasil  
Sérgio Costa Jr. – LAI FU – Berlim, Alemanha  
Helôisa Bertol Domingues – MAST, Brasil  
Luiz Antonio de Castro Santos – UERJ, Brasil  
Alfredo Wagner Berno de Almeida – UEA, Brasil

#### Projeto Gráfico/Capa:

Marcela Costa de Souza

#### Responsabilidade Editorial e revisão:

Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira  
Murana Arenillas Oliveira  
Pedro Henrique Mariosa

#### CONTATO

**Divulgação:** UEA Edições/PNCSA

**Endereço:** Av. Leonardo Malcher, 1728, 6º andar – UEA/ESAT 69010-170 – Centro – Manaus, AM

## BOLETIM CONFLITOS SOCIAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL CENTRAL – Nº 5/ 2019

A coleção Conflitos Sociais e desenvolvimento sustentável no Brasil Central compreende um conjunto de trabalhos, que registram as mobilizações de movimentos sociais concernentes à comunidades e povos tradicionais e que se articulam em uma multiplicidade de formas político-organizativas voltadas para lutas de reconhecimento e de redistribuição. Refletem não somente a diversidade social e a gama de pontos de vista e suas respectivas práticas, mas sobretudo situações de conflito e conhecimentos intrínsecos aos processos reais e às realidades localizadas.

### XI Assembleia Geral da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira: pela garantia e proteção dos territórios

Este boletim foi realizado após a participação da equipe de pesquisadores do PNCSA na XI Assembleia Geral da COIAB. Acompanhamos todo o evento, produzindo registros textuais, fonográficos, fotográficos e audiovisuais. As entrevistas que compõem grande parte dos textos do Boletim foram realizadas com as lideranças que cederam, voluntariamente, suas falas. Nosso objetivo é o de publicizar as principais demandas e temas que conduziram este importante evento. (Equipe de pesquisadores do PNCSA)

Boletim Informativo  
Número 5 – outubro 2019

#### COORDENAÇÃO GERAL DO PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida - PNCSA/UEA/UFAM  
Rosa Elizabeth AcevedoMarin - NAEA – UFPA

#### COORDENAÇÃO DE PESQUISA

Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira

#### EQUIPE DE PESQUISA/ORGANIZADORES DESTA EDIÇÃO

Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira  
Murana Arenillas Oliveira  
Pedro Henrique Mariosa  
Elson Gomes da Silva  
Clíciane Costa França

#### APOIO:

Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira - COIAB  
Articulação dos Povos Indígenas do Brasil – APIB

#### PARTICIPANTES DO BOLETIM INFORMATIVO:

Antônio Marcos de Oliveira Apurinã (Marcos Apurinã) – Representante dos Povos Indígenas de Rondônia no Conselho Nacional de Política Indigenista (CNPI);  
Alessandra Munduruku – Representante da Associação do Médio Tapajós (PA);  
Arlen Ribeiro Ujtoto - Asociación Interétnica de Desarrollo de la Selva Peruana (AIDSESP, Peru), Representando o Coordenador Geral da Coordenadora de las Organizaciones Indígenas de la Cuenca Amazónica (COICA), Edwin Vasques;

Francinara Soares Martins (Nara Baré) – Coordenadora Geral da COIAB (2017-2020);  
Keyte Moura – Coordenador Geral da estrutura física da Aldeia Sede do Povo Tembé;

Luiz Henrique Eloy Terena – Advogado da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB);

Ednaldo Tembé (Naldo Tembé) - Cacique do Povo Tembé, Aldeia Sede, Terra Indígena Alto Rio Guamá – PA;

Sônia Bone Guajajara – Coordenadora Executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB);

Telma Taurepang - Coordenadora Geral da União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (UMIAB);

Valdemilson Ariabo Quezo – (Ariabo Umulina), Cacique Balotiponé – Barra do Bugres – MT

#### CARTOGRAFIA

Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira

#### REGISTRO VISUAL

Elson Gomes da Silva  
Murana Arenillas Oliveira  
Pedro Henrique Mariosa

#### EQUIPE DE TRANSCRIÇÃO

Marcos Alan Costa Farias  
Murana Arenillas Oliveira  
Pedro Henrique Mariosa  
Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira

#### EQUIPE DE COLETA DOS PONTOS DE GPS

Pedro Henrique Mariosa

### FICHA CATALOGRÁFICA

B688 Boletim Informativo – Conflitos sociais e desenvolvimento sustentável no Brasil Central / XI Assembleia Geral da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira: pela garantia e proteção dos territórios – N. 05 (out. 2019) / Coordenação da pesquisa: Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira –. – Manaus: UEA Edições/ PNCSA, 2019.

Irregular.

Coordenação do PNCSA: Alfredo Wagner Berno de Almeida (PNCSA/UEA/UFAM) e Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UFPA-NAEA/PNCSA)

ISSN: 2674-7413

1. Indígenas. 2. Territorialidade. 3. Conflitos sociais I. Título. II. Oliveira, Tomas Paoliello Pacheco de.

CDU 39:528.9



## “XI Assembleia Geral da COIAB, 28 anos de movimento indígena constituído na Amazônia”



“ A COIAB - Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira - foi criada em 1989 e é a maior organização indígena do Brasil, representando mais de 430 mil indígenas e 75 organizações de 160 diferentes povos indígenas. Tais povos ocupam cerca de 110 milhões de hectares distribuídos pelos seguintes estados: Amazonas, Acre, Amapá, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins”.  
“A Assembleia Geral da COIAB é sua instância máxima de deliberação e ocorre a cada dois anos, de forma avaliativa, e a cada 4 anos, de forma eletiva. Participam das assembleias lideranças das 46 regiões que conformam a COIAB. Os representantes destas regiões conformam o CONDEF, o Conselho Deliberativo e Fiscal. A Assembleia Geral elege o CONDEF e a Coordenação Executiva, que é a instância de execução da COIAB, formada por um coordenador geral, um vice-coordenador, um coordenador secretário e um coordenador tesoureiro. ”

### Estatuto Social da COIAB



“ Sou do povo Guajajara do estado do Maranhão, Terra Indígena Araribóia. Hoje eu faço parte da Coordenação Executiva da APIB, que é a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil. Na APIB eu represento a Amazônia Brasileira. A APIB é formada por cinco regiões e cada região tem sua representação política na coordenação executiva. Eu saí da Coordenação executiva da COIAB e assumi a Coordenação da APIB”. “Hoje estamos aqui no primeiro dia da XI Assembleia Geral da COIAB, 28 anos de movimento indígena constituído na Amazônia. A COIAB nasceu da necessidade de juntar os povos para lutar pelo cumprimento dos direitos, pois mesmo antes da Constituição Federal a gente já era um movimento. Sempre houve um movimento, mas houve uma avaliação das lideranças de pensar em como fazer a pressão, a luta para exigir o cumprimento dos direitos constituídos, garantidos na Constituição Federal. E aí a partir daí a gente começou a se envolver, a discutir políticas, como estava a política indigenista, o que faltava para ser implementado, e ao longo de todos esses anos a gente vem se consolidando. No início foi puxado pelas lideranças indígenas do Amazonas principalmente, mas foi crescendo por todos os estados da Amazônia. ”

Sônia Guajajara – MA



“

É a primeira vez que participo de uma Assembleia da COIAB, mas estou feliz por representar a COICA e porque eu estou vendo que os irmãos indígenas estão voltando de maneira forte a acreditar em sua organização, porque separados, divididos, os irmãos indígenas não vão conseguir fazer nada. Ao contrário, havia um período de enfraquecimento das organizações indígenas, mas atualmente se está vendo que as organizações indígenas novamente estão se fortalecendo e aqui na COIAB, fico feliz de ver muitos irmãos indígenas se esforçando para poder participar e chegar aqui de tão longe, como é o Brasil, mas chegar aqui nessa comunidade para discutir, para analisar, para concordar”.

“A COICA surge em um contexto muito grave pela situação enfrentada pelos povos indígenas do Peru na década de 1980, muitos indígenas da Amazônia do Peru foram vítimas da violência subversiva do terrorismo. O terrorismo matava muita gente indígena inocente, deixavam muitos órfãos nas famílias, abusavam das mulheres indígenas, era um caos tremendo, uma barbárie contra os povos indígenas. As empresas madeireiras invadiam os territórios indígenas, depredaram imensamente de maneira impune nossos territórios indígenas, levavam muitas enfermidades, contagiaram nossas famílias, era um desgoverno total. Os povos indígenas estavam enfrentando situações muito dramáticas e não houve

a presença do Estado para ajudar a resolver nossos problemas”.

“Então, frente a essa situação de esquecimento, de violência, nós os indígenas no Peru nos organizamos para ver como nos defender, como podemos cautelar nossos direitos como povos indígenas, como podemos continuar sobrevivendo. Foi através da criação das nossas organizações indígenas no Peru, os irmãos do Conselho Aguaruna Huambisa, os irmãos povos Ashaninka, os irmãos dos povos Shipibo, deram a iniciativa de criar nossa organização nacional”.

“Uma vez criado, convidamos os irmãos do Equador, Brasil, Bolívia para analisar nossa vida como povos indígenas, porque em todos os países sofríamos quase os mesmos tipos de problemas, o abandono, o desgoverno, a impunidade, a exploração. A exploração no aspecto madeireiro era muito forte e seguiam morrendo indígenas pela exploração de madeira e a pobreza seguia crescendo nas nossas comunidades. Dessa maneira, tratamos de nos organizar para que nossas vozes sejam escutadas em nível internacional nos diferentes espaços como nas Nações Unidas, na Organização dos Estados Americanos e chamar a atenção sobre em pleno século XX que já passou e XXI que estamos, a exploração e o crime contra os povos indígenas continue acontecendo”.

“Assim surgiu a COICA, uma aliança dos povos indígenas Amazônicos para evitar os problemas da Amazônia. Dessa maneira também, resolvíamos muitos problemas como o tema da violência subversiva no Peru. Liberamos os povos indígenas, centenas e milhares de irmãos indígenas que estavam submetido a escravidão da madeira. Agora, com nossa organização estamos tratando de sensibilizar o estado para que criem políticas públicas, onde, envolvam os povos indígenas porque estamos vendo que as riquezas minerais, petroleiras, florestais, estão nos territórios dos povos indígenas”.

“A COICA tem um conselho diretivo, esse conselho diretivo é eleito no Congresso

Geral da COICA. O Congresso Geral da COICA se efetua a cada 4 anos em cada país, em cada Organização Amazônica, por exemplo no Brasil, a COIAB leva 10 representantes, 10 delegados plenos com capacidade de eleger e ser eleito. Assim, todas as Organizações Indígenas Amazônicas levam para o Congresso 10 delegados por país e aí elegem o Coordenador Geral da COICA, elegem o Conselho Diretivo da COICA. Eles são os órgãos do governo da nossa Instituição. Quando há assuntos muito críticos provocados por parte do Estado ou que os povos indígenas querem resolver ou discutir, por exemplo, como uma proposta sobre a mudança climática, nós convidamos todos os presidentes de cada Organização, convidamos o presidente da COIAB, o presidente dos irmãos indígenas da Bolívia, da Bacia Amazônica, da organização-CIDOP, Peru-AIDSESP, Suriname-OIS, Guiana-APA, Guiana Francesa-FOAG, Venezuela-ORPIA, Colômbia-OPIAC, Equador-CONFENIAE e os 9 países se reúnem, discutem e buscam um consenso para uma proposta. Um mecanismo para fortalecer nossa defesa territorial ou para qualquer situação em que exija uma reunião urgente da COICA, assim que nós trabalhamos”.

“Cada organização é autônoma em suas decisões políticas e administrativas, mas também por questões de irmandade dos povos, cada organização convida o Coordenador Geral da COICA. Qualquer membro da COICA pode participar de um Congresso e de qualquer de nossas Organizações, mas participando somente como observadores. Não podemos tomar uma decisão interna da COIAB ou de qualquer outra organização, respeitamos os processos internos de cada um. Quando tem assuntos eleitorais internos nas organizações, não podemos nos meter, isso geraria discrepância, intromissão na governabilidade de uma organização indígena.”

”

**Arlem Uitoto - COICA**

“A décima Assembleia da COIAB, em 2013, realizou-se na minha aldeia, na minha Terra Indígena, onde tivemos a oportunidade de receber e conviver durante 4 dias com 600 lideranças da Amazônia. Então para nós foi muito importante, pois favorece a organização local, fortalece nossa organização estadual, enfim conciliam todas essas demandas, um fortalecendo o outro, participando e somando, com experiências e conhecimentos, tudo a partir da Constituição de 1988. É esse o nosso foco, é a base de todo nosso movimento, da nossa história. Tivemos grandes referências de importantes lideranças que hoje não estão entre nós, mas tiveram essas conquistas que hoje nós somos beneficiados”.

“A nossa aldeia tem um espaço físico bastante propício para eventos de grande porte e para nós cada evento é uma experiência. Vários parceiros que realmente vestem a camisa, que estão comprometidos com o movimento, dão a sua contribuição. Tivemos o apoio da Assembleia, não como a gente imaginava, pela conversa achamos que poderia ter uma parceria maior, e não é isso que acontece realmente na prática. Tivemos noção também que o governo do estado não faz como diz em suas propostas, não acontece realmente como eles falam, quando a gente precisa não consegue ser atendido. Existem várias burocracias, então tem essas contradições, mas várias organizações, várias ONGs têm participado, ajudado e vários grupos de pessoas estão empenhados. E é com esses parceiros que conseguimos avançar, somando parcerias aqui e ali. O importante é conseguir contemplar a fala, o encaminhamento e as propostas de cada parente, de cada região, de cada organização e cada povo ali presente, isso é importante. Falar a mesma língua e fortalecer o caminho que nós acharmos melhor para todo mundo”.

**Ariabo Umutina – MT**

“ Eu penso que a COIAB neste momento traz um movimento inovador, com quadros novos integrando a COIAB. Vai fazer 3 décadas que se passaram do movimento indígena resistindo a esse grande rolo compressor. A grande política que mais ameaçou nossos direitos faz com que a gente se fortaleça cada vez mais. Minha esperança é que, seja lá quem for eleito nessa grande assembleia, possa dar continuidade a essa bandeira de luta que nós sempre almejamos para o futuro das nossas gerações. A gente não pode de maneira alguma deixar que o governo e as grandes empresas possam tirar o que é de nossa vida que é a mãe terra. ”

**Marcos Apurinã – RO**

“Uma Assembleia como não havia tido, com tanta diversidade e representatividade da Amazônia, nós temos aqui indígenas de toda a Amazônia, de todas as regiões praticamente as 46 regiões que engloba a COIAB e também uma participação muito grande dos nossos parceiros que estão acreditando que nós precisamos também ter nossa autonomia. Nós tivemos aqui povos quilombolas, representantes dos povos extrativistas e nesse momento crítico dos movimentos sociais, é importante estarmos juntos independente do seguimento. A aliança dos povos, do fortalecimento da rede COIAB e que essa rede não seja somente das organizações indígenas, mas das organizações indigenistas, das universidades, dos povos tradicionais, de todos que se sentem ameaçados perante esse governo corrupto e golpista nos envergonhando enquanto povo brasileiro”.

**Nara Baré – AM**



## “Unir para organizar, fortalecer para conquistar”

“ Porque é importante nossa organização COIAB? Cada um de nós somos COIAB, cada um de nós estamos trabalhando para as presente e futuras gerações. Existiríamos atualmente se a gente não estivesse organizados como povos indígenas? Talvez muitos de nós não existiríamos, por isso é importante manter nossa unidade como povos indígenas. Unidade como povos indígenas, não a guerra de índio contra índio, não a divisão do nosso povo. Irmãos nós somos indígenas amazônicos dos 9 países, povos indígenas da Amazônia, de Bolívia, Brasil, Peru, Colômbia, Equador, Guiana, Suriname, Guiana Francesa, todos temos a mesma necessidade, os mesmos problemas, mas nossa organização através da COICA, através da COIAB e todas as Organizações dos povos indígenas dos 9 países da Bacia Amazônica, nos mantém de pé para defender nossos territórios indígenas. ”

**Arlem Uitoto – COICA**

“Essa Assembleia embora seja a assembleia da COIAB e impacte diretamente a decisão do movimento indígena da Amazônia, todos os olhos do movimento indígena do Brasil estão voltados para cá, tanto é que os coordenadores da APIB estão todos aqui presentes. Historicamente as decisões que são tomadas pelo movimento Amazônico dão de certa forma um direcionamento ao movimento indígena do Brasil. Então a nossa expectativa é que daqui saiam deliberações importantes e que essas deliberações orientem também o movimento indígena das outras regiões”. “Acho importante sairmos daqui com nortes importantes não só para o movimento indígena da Amazônia, mas para o movimento indígena do Brasil. A APOINME, a ARPISUL, a ARPISUDESTE, o Conselho Terena e o Conselho Aty Guassu Kaiowá Guarani, estão esperando uma deliberação de vocês. Porque nós, de certa forma, sempre estamos olhando para a Amazônia e vocês tiveram um exemplo claro disso nessa semana quando o governo golpista assinou um decreto extinguindo uma área de preservação ambiental. Como o mundo branco, os índios, os negros, todos se mobilizaram em prol disso, porque é exatamente aqui estão fluindo as nossas energias”.

**Eloy Terena – MS**

“ Essas assembleias são momentos muito ricos de aprendizagem, troca de conhecimentos e experiências. A minha participação serve muito para isso também, para escutar, compreender e também conseguir dar a minha contribuição mais direta. ”

**Sônia Guajajara – MA**



“ O objetivo principal agora é fortalecer essas conquistas para as gerações futuras. Já está tudo em nossas mãos e essa é a nossa missão. Esse evento aqui vem justamente fortalecer esse conceito, fortalecer essa política, onde nós construímos e vamos dar rumo a estas novas gerações. Para o fortalecimento cultural, tradicional, político e administrativo interno das nossas organizações de base, que são o núcleo principal de tudo isso, são as comunidades do nosso Estado brasileiro”.

**Ariabo Umutina – MT**

“ Eu acho que a luta é essa, a união sempre, às vezes eu acho que todos os povos indígenas, todas as etnias têm as suas brigas internas, isso é comum no povo indígena, como em qualquer sociedade, mas eu acho que unidos todos são mais fortes. Devemos ouvir sempre nossas lideranças, nossos sábios dentro da comunidade e eles têm a palavra certa, sempre deu certo e não é hoje que isso vai mudar. Às vezes muitas comunidades perdem por não ouvir o seu cacique, a sua liderança, então hoje na aldeia Sede, como exemplo para as outras aldeias, nós atendemos a nossa liderança, respeitamos a nossa liderança e as coisas estão dando certo, dando certo na saúde, dando certo na educação, dando certo no projeto sustentável, dando certo no melhoramento pra todos da comunidade aqui, acho que o caminho é a união, é respeitar a sua liderança. ”

**Keite Moura – PA**

“ Aqui na agenda de COIAB diz claramente, ascender à prefeitura. Vamos nos apoiar como povos indígenas, acreditar em nós. Entre povos indígenas somos capazes de construir um futuro melhor!”.  
“Então, nós povos indígenas temos que estar de pé, firmes, consequentemente como nossa organização, como nossos líderes, com nossos irmãos mais velhos, eles são a nossa fonte de sabedoria que nos inspira a seguir em nossa luta, na nossa etapa de caminhar e que são metas que traçamos para deixar para as nossas futuras gerações um legado de bem-estar. ”

**Arlem Uitoto – COICA**

“ A importância dessa Assembleia, a importância desse momento é exatamente isso, o protagonismo da mulher indígena, tendo hoje, agora, nesse momento a participação de uma mulher, a participação daquela mulher que não deixa de ser mãe, continua sendo mãe, mas ela assume mais um papel e esse papel é porque a base e as suas lideranças acreditam na atuação dela, então é uma importância a mais, porque nós hoje temos uma representante de uma mulher dentro da COIAB e também uma representante a nível nacional de uma organização maior. Então hoje, essa Assembleia, é importantíssima para que a mulher saia dos bastidores e venha atuar junto com seus caciques. ”

**Telma Taurepang – RR**



## “O momento é de uma conjuntura difícil e também um momento político muito frágil”

“Hoje mais do que nunca se faz necessário continuar fazendo essa luta, devido a todas essas ameaças de retrocesso nos direitos, de perda de direitos, todos esses ataques que nós estamos vivendo hoje sobre os nossos territórios. Então, a Assembleia acontece nesse contexto de refletir a conjuntura política, pensar em estratégias para o movimento indígena, avaliar a conjuntura do ponto de vista indígena, e aí juntos fazemos o movimento indígena da Amazônia.”

**Sônia Guajajara – MA**



“Como o momento é de uma conjuntura difícil e também um momento político muito frágil, se tivermos fortes poderemos dominar. Pensamos em consolidar nossas bases, nossas organizações locais e estaduais, e com isso começar a pensar nas nossas mobilizações”.

“Principalmente porque tudo que a gente conseguiu nos últimos tempos foi através de muita força nas mobilizações e para isso temos que contar também com a nossa base sólida para poder chamar e o povo vir. Então, para a gente dizer os rumos que nós queremos, defender nossos territórios, defender nossos rios, não queremos empreendimentos em nossas terras, não queremos mineração nas nossas terras, pois ataques e medidas anti-indígenas têm demais. Todos os dias têm novidades contrárias, no sentido de retroceder e suprimir direitos. Nós precisamos realmente estar juntos e organizados e aqui de forma muito coletiva a gente tenta construir esse diálogo aberto e pensar em como a gente vai fazer esse enfrentamento a essa política. Não adianta a gente dizer que está fora, que não tem nada a ver com isso, temos tudo a ver, porque o Congresso Nacional, o poder executivo e o judiciário são hoje os nossos maiores inimigos. É o Estado Brasileiro que hoje está cometendo toda a destruição de direitos sociais e ambientais e a gente precisa saber também como combater tudo isso. A Assembleia acontece nesse momento muito oportuno para a gente poder consolidar as estratégias de luta e enfrentamento dessas políticas anti-indígenas que estão postas contra nós”.

“A ocupação das instituições que existem para atender aos povos indígenas, a questão da FUNAI, da SESAI e do MEC para fortalecer a educação escolar indígena. São ocupações que basta o povo se organizar e representar para ter o que nós queremos, um representante em cada um desses espaços, para fortalecer um movimento que realmente atenda nossas necessidades num contexto de autonomia. Nós estamos buscando essa autonomia, nós dissemos para o governo: “nós estamos aqui, nós existimos aqui, ocupamos quase 15% do território brasileiro, no nosso estado do Mato Grosso ocupamos 14% do território. Então nós existimos, estamos aqui, vamos lutar, estamos organizados, queremos realizar, queremos propor, e buscar o melhor caminho para de fato contemplar a sociedade indígena, pois já faz cinco séculos que estamos vivendo a mesma história”.

“Então durante esses 10 anos que passaram estamos nos organizando para realmente dizer que nós estamos aqui e vamos ocupar o que é nosso de direito, porque o que está na Constituição, nas leis que a regulamentam e está aí para ser cumprido”.

“Hoje nós sentimos na pele por não ter um representante, pelo cenário político. Hoje nosso país está vivendo onde os povos indígenas sempre foram discriminados, sempre foram vistos como pessoas que não contribuem, descaracterizando a nossa existência. Então é isso, em todos os sentidos, são essas as discussões que nós estamos propondo e fortalecendo”.

**Ariabo Umutina – MT**



“Hoje a gente enfrenta uma luta muito grande, esses retrocessos que vem aí, vindo do governo, não só do Governo Federal, mas muitas das vezes nos deparamos com situações vindas do nosso estado. Porque nós não temos uma política adequada voltada para nossos povos indígenas”. “Porque não termos um presidente indígena? Nós temos uma grande mulher aqui, que pode ser e isso eu falei no Acampamento Terra Livre, que Sônia Guajajara, ela pode sim assumir uma presidência. Sabe por que eu falo isso? Porque nós já temos muitas lideranças formadas na parte jurídica, na parte técnica, na parte pedagógica e por que não fortalecer isso? Cabe a nós esse fortalecimento”.

“E aí eu digo que há também uma participação grande dos nossos parceiros, porque que eles estão aqui? Por um acaso? Por que eles acreditam na nossa luta e se eles acreditam, porque nós não podemos também acreditar?”.

“E aí vem o grande desafio em 2018, eu gostaria de ver um representante dentro do congresso, mas um representante legítimo, para que defenda as suas causas, para que ele reporte a nós, dentro de nossas comunidades e aldeias o que acontece lá dentro. O que acontece dentro do congresso? Você sabe o que acontece dentro do congresso? Corrupção, uma corrupção muito grande, uma quadrilha muito grande. Mas que precisamos sim, fortalecer todo o movimento indígena para que com essa nossa atuação, esse empoderamento, cada dia mais estejamos resistindo, dentro das políticas públicas que vem para nós, povos indígenas, e que muitas vezes vêm de cima, não saem daqui, de dentro das aldeias para dentro do congresso, para dentro do governo, ela sempre vem lá de cima para baixo”.

**Telma Taurepang – RR**

“A participação política que está tendo aqui hoje é um direcionamento para os povos indígenas do Brasil. Isso aqui que está sendo feito hoje é a verdadeira política indígena, é um exemplo claro de participação efetiva na sociedade. Os povos indígenas têm muito a oferecer para outros povos, aos brancos, aos povos extrativistas, às populações tradicionais. Quando eu saio por aí nas universidades para fazer palestras e participar dos eventos muitos brancos (nós falamos lá Urucuaia, mas cada povo tem uma forma de se referir aos brancos) perguntam por que os índios se manifestam tanto em Brasília? Porque os índios fecham tantas estradas? Por

que os índios ocupam a Funai? Por que os índios ocupam a Sesai? E eu digo: “os índios estão certos! Por que todas as vezes que algo te atingir, todas as vezes que uma medida legislativa, administrativa ou judicial atingir a nossa vida a gente, não fique somente no Facebook reclamando, somente no WhatsApp fazendo movimento, mas temos que fazer sim a legítima movimentação: ocupar a Funai, ocupar a Sesai, ocupar as ruas, ocupar as estradas, ocupar quem sabe aquele nosso território que ainda está nas mãos dos fazendeiros. Então isso é política!”.

**Eloy Terena - MS**



“Pessoal, o que nós estamos fazendo aqui hoje é a verdadeira política, antes de ser partidária, antes de ser institucional, antes de ter sigla, é a nossa política”.

“A constituição que está ameaçada hoje! É preciso mais uma vez que você, liderança, que talvez já esteja cansado, que já fez muito, se levante. Mais ainda, que nós jovens nos levantemos juntos porque senão nós vamos ser atropelados! E é isso que o branco quer, eles querem que a gente suma daqui pessoal. Eles não querem que os índios fiquem aqui, porque desde o período colonial nós povos indígenas fizemos resistência e não foi só uma resistência de levar paulada, foi uma resistência qualificada. Eu fico imaginando como nossas lideranças na maioria das vezes sem escrever seu próprio nome, sem ter uma faculdade, sem nunca ter sentado no banco da escola, como elas tiveram discernimento e sabedoria de traçar as estratégias no movimento indígena. Então eu sou muito grato essas lideranças que detém o conhecimento tradicional, o conhecimento da vida, o conhecimento que nasce no dia a dia daqui do chão batido da aldeia!”.

“Quero dizer que não está sendo fácil fazer um enfrentamento todos os dias lá em Brasília. Todos os dias nós temos uma novidade, mais um atentado

contra os direitos dos povos indígenas. Mas eu digo a vocês que juntos nós podemos fazer um enfrentamento necessário e qualificado e nisso os povos indígenas têm muito a ensinar a Sociedade Brasileira. Com exemplos de mobilização, participação política, e discussões na defesa de seus direitos e também um exemplo de como lidar com a diferença”.

“De como, com 305 povos falantes de mais 274 línguas conseguimos dar o recado nítido do nosso posicionamento a eles. Então de como se conviver com a diferença. Nós sabemos fazer e nós podemos ensinar os outros povos. Então não se preocupem quando um parente fala isso e outro fala outra coisa, é assim mesmo. É na diferença, é nesse palco que surgem as determinações e os direcionamentos do movimento indígena. Porque se o movimento indígena fosse um só falando, só uma ideia, não seria o movimento indígena. Se no movimento indígena todos fossem para o governo, deixaria de ser movimento indígena, se o movimento indígena ficasse atrás de siglas, deixaria de ser movimento indígena”.

“Na APIB, nós começamos este ano em 2017. O foco principal é acompanhar as demandas em nível nacional, como as tramitações que estão passando no Congresso Nacional e que afetam as

populações indígenas. As decisões do Poder Judiciário especialmente do STF que acabam afetando de alguma forma todas as terras indígenas do Brasil. Também estamos monitorando de perto todas as ações do Poder Executivo, seja no âmbito da FUNAI, do Ministério da Justiça e da própria AGU e vários expedientes administrativos que estão sendo institucionalizados e que tem afetado diretamente os direitos das Comunidades indígenas”. “Na APIB a nossa função é acompanhar essas demandas que estão em tramitação e estar informando as lideranças de base sobre isso, sobre o que está acontecendo e quais os impactos concretos na vida das Comunidades Indígenas. Outra atuação que nós temos feito é a questão internacional, nós temos uma nítida visão que cada vez mais temos que levar as demandas dos povos indígenas para as instâncias internacionais, tendo em vista a conjuntura atual que nós temos no Brasil, em que forças anti-indígenas estão arraigadas em todas as estruturas do Estado. Então, este ano já fomos duas vezes para fora levar essas denúncias, na ONU e na OEA. Uma das pautas é continuar essas denúncias e buscar embargos concretos contra o Estado Brasileiro para que respeitem as legislações, respeitem os direitos dos povos indígenas”.

**Eloy Terena - MS**



“A moradia não está boa. O governo brasileiro não tem levado educação, as políticas públicas não têm chegado em nossas aldeias. Então isso é muito ruim. A gente precisa que a COIAB refaça sua história, que se for preciso, dê trinta passos para trás para reconquistar a nossa política tradicional e totalmente diferente da política que está aí. É por isso que quando eu digo assim: “Nós queremos acessar as políticas partidárias? Nós queremos acessar? Queremos, mas o quê? um deputado? Estadual, federal? Seja dez deputados? Seja um, dois. Mas que deputado é esse? Que tipo de deputado é esse? Esse deputado será mais um ali, a ser corrupto, a se corromper? Não. Nós precisamos ver nossa essência. Nós construímos malocas grandes para morar 300 pessoas, existia isso no passado, então hoje, como é que nós resistimos essa avalanche? Nós temos que garantir isso, eu falei pra eles. Então é preciso que a gente de fato administre com sabedoria, e eu espero isso da COIAB. E que nós possamos buscar um novo mecanismo de parlamento quem sabe para poder dialogar 'tête a tête', diplomaticamente com o governo, empresas, igrejas, seja lá com quem for, nós precisamos também dessas outras ferramentas que também é muito importante”.

**Marcos Apurinã - RO**



“ Nós estamos propondo que haja um processo de consulta de maneira clara, transparente, livre e informada para poder conversar e discutir. Nós não nos opomos ao desenvolvimento, nós estamos a favor do desenvolvimento, mas um desenvolvimento que envolva, respeite e seja sustentável, porque nós não estamos pensando somente no hoje, estamos pensando também em nossas gerações, outras gerações.

Então irmãos, como indígena eu os invoco a cada um de vocês para continuar fortalecendo a COIAB. A COIAB é uma organização indígena muito forte, sua importância é muito grande para a existência dos jovens, dos homens, das mulheres, para viver em harmonia. A situação atual do mundo está desesperado, a civilização está desesperada, pela mudança climática, pela crise econômica. Muitas nações podem desaparecer da terra. Existem muitos recursos no mundo atualmente para lutar contra aquecimento global, mas esses recursos não chegam aos povos indígenas. ”

**Keite Moura - PA**



“ É realmente a União dos povos, então quando fala bem assim “precisa de mudança”, então pra nós povos indígenas não é ter mudança, mas adequar na conjuntura que nós estamos hoje. O processo que a gente vinha tendo, a gente viu que não contemplava mais o poder e a força que precisávamos para o enfrentamento dos nossos direitos que estão sendo perseguidos e jogados por esse governo golpista. ”

**Nara Baré - AM**

## “Nosso território é a fonte da nossa existência e da nossa sobrevivência”



“Os Estados não respeitam quando eles têm muitas necessidades econômicas. Eles violentam nossos direitos, nossos territórios, tiram petróleo dos nossos territórios e depois trazem problemas de contaminação por derrames petrolíferos, enfermidades, afugentam nossas aves, nossos animais por conta dos ruídos dos helicópteros. Também há povos indígenas em isolamento voluntário, em contato inicial e todos os recursos que saem dos nossos territórios para o país ou para algumas empresas, vai ser riqueza para eles, mas para nós indígenas vai ser pobreza porque os benefícios que geram esses recursos não voltam para o nosso povo, ao contrário, eles levam tudo e deixam uma desgraça ambiental e biológica em todos os aspectos e culturalmente também”.

“Aproximadamente a floresta Amazônica em propriedade aos povos indígenas e com o reconhecimento legal, abarca uma extensão de 200.000.000 hectares em toda a bacia Amazônica e faltam titular aproximadamente 200.000.000 de hectares da floresta que estão em posse dos povos indígenas”.

“Nós nunca vamos negociar um milímetro, um metro de nosso território. Nosso território é a fonte da nossa existência e da nossa sobrevivência, o Estado até agora não tem resolvido os problemas dos povos indígenas, o Estado está saqueando nossos recursos e eles governam o nosso povo através das corrupções. Aqueles que nos governam constroem grandes estradas para que? Para eles, seus negócios e suas riquezas. Para nós resta a destruição da nossa família, do nosso povo e nossas futuras gerações”.

“Nós somos os verdadeiros defensores do planeta, do planeta vivo para a humanidade. Nós sempre estamos brindando oxigênio para o planeta, para que a gerações possam viver nessa humanidade, em troca nós não recebemos nada. O que recebem os povos indígenas por cuidar do nosso planeta? Por cuidar da nossa floresta? Nós indígenas somos perseguidos, encarcerados, despejados, desterrados, sofremos invasões, nós somos tão humanos, somos seres humanos que necessitamos de respeito. Quem cumpre a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho? O direito dos povos indígenas, direito sobre as terras, sobre a cultura, sobre a educação, a declaração universal sobre os direitos dos povos indígenas, atualmente segue sendo violado, apesar de vários países terem assinado e ratificado nas Nações Unidas”.

“Então, sem território nós estamos perdidos. Sem território, nós indígenas vamos entrar em um processo de crises culturais, alimentares, de desvios, de enfermidade, de necessidade. Nós indígenas porque cuidamos muito do território indígena, porque cuidamos dos lagos? Dos animais? Olha, o homem da cidade, os funcionários públicos, os que trabalham na cidade com suas

profissões mesma, que nós respeitamos o modo de vida, todos têm que fazer um aporte mensal para sua aposentadoria, quando eles estão anciões, o homem da cidade vai ao banco, depois que se aposentam, mete o cartão e retira dinheiro para sobreviver. Sim ou não? Nós indígenas, nosso banco, nossa aposentadoria é que quando nós somos anciões temos perto o lago para pescar e disso sobreviver, temos nossa medicina e disso sobreviver, mas o que passaria se nós devastássemos o lago? Acabaria nossa aposentadoria, uma triste aposentadoria, se devastamos as florestas, uma triste aposentadoria, com enfermidade e isso tudo. Por isso nós cuidamos nossa biodiversidade, nossas espécies biológicas, aves, peixes”.

“Então, também muitos jovens estão voltando a aprender a medicina tradicional e, sobretudo, alguns jovens que tinham vergonha de ser indígenas, agora dizem “sou Uitoto, sou Ashaninka, sou Tembé, sou Xavante, sou Xerente”. Então, estamos orgulhosos, o mais importante é que estamos aprendendo a nos respeitar, a conviver com outras culturas”.

“Nossos avós nos ensinaram que temos que cuidar do que existe na natureza porque é disso que vamos viver, disso também vão viver nossos filhos e os filhos dos nossos filhos. Tudo isso vai servir para a humanidade, porque um cientista para investigar a propriedade de uma planta, demora anos, oito anos, 15 anos, 20 anos e talvez nunca vá saber a propriedade de uma planta. Como nós indígenas conhecemos que uma planta é boa? Nós não fomos a universidade, não temos reativos químicos para provar as combinações químicas e determinar que propriedades tem uma planta”.

“Nós indígenas como nós fazemos? Através do conhecimento ancestral, através da ayahuasca, porque somos visionários, ayahuasca, o mandi, tabaco, antirico, fonte da nossa inspiração. Por exemplo, os Uitoto, como descobrimos uma planta curativa? Quando um de nossa família está doente, nosso avô, o chefe maior, ele já tem uma herança cultural, ele tem uma força espiritual de fazer um exame ao paciente e na madrugada, duas da manhã, ele faz uma oração chamando os ancestrais, os espíritos e logo ele se põe a mascar pode ser a folha de coca, tudo natural. Depois ele dorme, quando dorme sonha com a planta, no dia seguinte ele consegue a planta e aplica essa medicina para curar uma doença. Assim, nós indígenas descobrimos a propriedade das plantas, outros irmãos indígenas fazem através da ayahuasca, visionam, para saber que planta é boa”. “Então, muito das plantas que nós indígenas temos descoberto, os cientistas têm pirateado, tem roubado

nossos conhecimentos. Eles têm patenteado essas plantas e agora eles são donos a nível mundial de muitas formulas químicas para gerar pastilhas, ganham milhões e milhões de dólares pela patente da marca das formulas, dos derivados de uma planta que foi descoberto pelo indígena. Não reconhecem o mínimo que os povos indígenas fazem, mas nós estamos felizes de que nosso conhecimento sirva para a humanidade. Isso é a base da vida dos povos indígenas, viver em comunidade, em sociedade, não pensamos muito em riquezas econômicas, o que pensamos é viver de maneira plena, harmoniosa, respeitando nossa cultura. Obviamente houve mudanças e talvez nós indígenas não vamos mais viver como antes, é impossível retroceder ao de antes, mas tampouco vamos negar o que somos, o que podemos contribuir e o que podemos assegurar do nosso conhecimento para prolongar nossas gerações ou nossa vida como povos, esse é o espírito da nossa organização”.

“Finalmente irmãos, eu, em nome do meu povo Uitoto, em nome do meu avô, que antes de ir aonde moram nossos ancestrais, me levou na montanha e disse: “filho eu já me vou, mas a ti deixo toda essa floresta, até onde vê teus olhos, cuida, protege, defende, para ti e para tuas gerações vindouras, porque isso é a fonte da nossa existência como povos indígenas”. Então meus irmãos, minha mensagem para cada um de vocês é defender milímetro a milímetro, metro a metro, dia a dia, noite a noite, com raios, chuva, trovões, sol, inverno, defendamos nossos territórios e continuemos na nossa luta para continuar demarcando nossos territórios indígenas, pois sem territórios vamos desaparecer. O território é a fonte da nossa existência e sobrevivência como povos indígenas”.

**Arlem Uitoto – COICA**

“É um momento muito perigoso para o povo brasileiro. É um momento dramático para os povos indígenas porque essa perda de direitos não está atingindo somente os trabalhadores, as mulheres, mas atingindo principalmente nossos territórios e para nós a perda do território é a maior de todas as perdas. Por que é a partir da garantia territorial que nós conseguimos continuar sendo povos indígenas porque para nós não existe vida se não nos territórios e aqui é que se constrói a nossa identidade. É aqui que se consolida a nossa cultura, as nossas tradições e se a gente não tem esse espaço físico do nosso território, as árvores, as aves, os animais, a gente não consegue também viver uma cultura plena então é a partir desta garantia do território, das suas riquezas naturais, que a gente consegue exercer a nossa plena cidadania que é estar vivendo o que a gente é”.

**Sônia Guajajara – MA**



“A expectativa minha pela COIAB nesse momento: A unidade, para mim, é que vai dar o futuro das nossas novas direções de amanhã. Se nós não unirmos, se não falarmos uma língua só, eu penso que nós vamos ter mais dificuldade, por consequência dos vários problemas ocorridos com nossos direitos. Em consequência das ameaças, da criminalização, e difusão das diminuições dos nossos direitos. E isso está acontecendo diariamente. Por isso que eu penso que é possível uma nova saída. Hoje a gente tem demarcado, tem dado continuidade às demarcações das terras. É importante, com certeza, nós não devemos parar. Tanto quanto a desintrusão dos territórios, as fiscalizações e proteções, e a promoção. Eu acho que além desses grandes avanços que nós tivemos em conquistar esses espaços, vamos dizer que 110 milhões de hectares de terra estão em nossa responsabilidade na Amazônia brasileira, isso faz com que com que a gente possa somar junto com a COIAB pra fortalecer pra nós falarmos uma língua só. Quando eu estava na COIAB a gente foi para o Fórum Social Mundial. Nós fomos buscar apoio, eu estive em vários lugares do planeta, buscando apoio para a Amazônia, para a redução do desmatamento, na Amazônia. O Fundo Amazônia foi uma conquista nossa, dos povos indígenas. Eu fui no JEF, em Washington, eu falei com chefe do BID, do Banco Mundial, com a Embaixada da Noruega. Nós tivemos em vários lugares tentando fazer uma campanha grande para poder buscar apoio para o fortalecimento dos povos indígenas, as suas organizações e também em defesa do nosso território”.

“E nós conseguimos. Eu acho que hoje, garantindo esses direitos, eles estão conosco. O que falta para nós é nos apoderarmos e nos qualificar para fazer a governança dos nossos territórios racionalmente.

É possível a gente buscar a sobrevivência dentro de nosso próprio território, racionalmente, através de projetos de autossustentabilidade dos nossos povos”.

“Para isso nós temos que nos preparar. Por isso esse momento de muita unidade, de integração, de

entendimentos dos povos. Existem 180 povos na Amazônia, falamos 170 línguas, umas diferentes das outras e temos quase 600 terras indígenas na Amazônia que tem essa magnitude desse território com biodiversidade, com água potável. Temos 19 troncos linguísticos diferentes, então eu penso que é muito rico para nós. Infelizmente, o Brasil, o povo e a sociedade como um todo não tem dado muita ênfase na valorização da nossa cultura, de dizer: “poxa ao invés de eu aprender o inglês porque não aprender a língua indígena também né”.

“Recentemente a gente teve com esse ministro, desse governo. Eu estive liderando um grupo, porque em Rondônia nós temos um problema de mineração muito grande, de criminalização dos povos e das suas lideranças, então isso que nós temos que fazer. Eu disse a ele para dar para nós as concessões para nós podermos administrar nossos próprios territórios. Nós queremos dar um basta na ditadura. Dizer que não queremos mais assistencialismo, paternalismo, nós queremos ser autônomos. Para isso nós temos que nos empoderar. Então ele disse: “Você quer ser igual aos índios americanos, que foram embora, que se acabaram? Você quer falar inglês? Você quer ter um notebook? Você quer ter um Iphone?” Eu disse: “Eu também quero isso. Mas eu não posso deixar de valorizar minha identidade, eu tenho que manter ela, mas eu preciso também buscar esses espaços. Quando eu aprender uma língua não significa que eu estou perdendo a minha.” Então é isso que a gente quer hoje. Acima de tudo demarcar a terra, proteger a terra, fiscalizar a terra, promover os territórios, nós também buscamos as nossas alternativas econômicas de sustentabilidade, é isso que a gente quer. Porque não dá para a gente ficar na miséria. Muitas das vezes você vê nas aldeias os povos indígenas na dependência do Estado brasileiro, de comida mesmo, de gente passando fome na aldeia, isso não é admissível”.

**Marcos Apurinã – RO**



“Sou do povo Terena, sou Assessor Jurídico da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil e estou hoje aqui participando da décima primeira Assembleia da COIAB. Vim aqui participar de uma mesa falando sobre a conjuntura política do nosso país e do movimento indígena”.

“Eu pertenço ao conselho do Povo Terena que é a organização tradicional do nosso povo lá do Mato Grosso do Sul, fazemos parte de uma das bases da APIB, assim como a COIAB, a APISUDESTE, a APISUL, a Aty-Guasú Guarani Kaiowá. O conselho Terena também faz parte e congrega a APIB”.

“Iniciei a minha trajetória lá mesmo na minha Aldeia participando do movimento do Conselho Terena. Lá é muito forte a questão da demarcação dos territórios, nos últimos 5 anos nós temos organizado grandes assembleias Terenas, organizado pelos caciques. A partir dessa movimentação por terra, nós ocupamos nos últimos 5 anos, aproximadamente 105.000 hectares de terra que estavam a serviço do agronegócio. Hoje estão nas mãos das comunidades indígenas, nosso enfoque principal é a questão da demarcação dos territórios. Nesses últimos tempos, eu estou também trabalhando na APIB, assessorando juridicamente o movimento indígena e foi a partir disso que me convidaram para participar da COIAB”.



“Nossa principal reivindicação são as demarcações dos nossos territórios. O povo Terena sofreu ao longo de toda sua história vários processos de desapropriação, desapropriação não, expropriação, por que nós tivemos logo no início do século XVIII, a instalação de grandes fazendas na região e isso impactou diretamente a vida das Comunidades Terena. Outra coisa que impactou foi a guerra com o Paraguai, o Brasil participou da guerra e as comunidades indígenas se refugiaram porque ali foi um palco da Guerra e quando acabou a guerra e as comunidades retornaram aos seus territórios eles tinham sido concedidos a terceiros. Então, atualmente a nossa principal pauta é resgatar e recuperar esses territórios que foram titulados para terceiros, ignorando totalmente a presença das comunidades que já estavam ali. Na década de 1910 e 1920, foram criadas pequenas reservas de terras numa política de confinamento dessas populações e atualmente o fato de você retomar também é uma tentativa de você tentar superar esse confinamento. Você sai dessas reservas para ocupar seus territórios tradicionais e isso tem um impacto direto na vida das Comunidades indígenas e no modo de vida das populações Terena. Nossa pauta atualmente é a busca pelos nossos territórios. ”



“ É sempre tempo de a gente aprender e crescer. E nós aprendemos sempre um com o outro, é isso que nos fortalece no dia a dia, o que nos faz resistir sempre é a força de um e do outro que fortalece todo esse nosso movimento. O momento é mesmo de dar as mãos. Nós entre nós mesmos, nossos povos e entre nós e as instituições e entidades parceiras que tem muita gente aí que está junto e que também soma nessa luta e juntos pensarmos em como mudar a consciência da sociedade. Essa consciência que hoje é a maioria, eles não conseguem entender, por exemplo, porque nós lutamos por terra, as pessoas não entendem que não é por terra, é pelo território, simplesmente para poder garantir nosso direito de existir”.

“Hoje no estado do Mato Grosso a nossa questão principal é a questão do território mesmo. Porque nós sabemos e entendemos que não existe uma cultura, um conceito tradicional de um povo, se não assegurarmos o nosso território. Não existe uma vida, se não garantirmos nosso território. Essa é uma grande dificuldade ainda, vivemos numa área, em um espaço que futuramente daqui a 5 anos não vai suportar o tamanho e o número de pessoas que vivem ali. Precisamos de uma política que de fato dê a nossa autonomia para nossa sobrevivência, de acordo com a nossa ótica tradicional, como a questão do plantio tradicional, na questão da nossa medicina tradicional, na questão da alimentação tradicional, isso que dá vida para nossa sociedade indígena e isso vai trazer uma tranquilidade. Tudo através do nosso território, essa é uma discussão que eu acho que está em todo o estado, todo evento tem essa preocupação no fortalecimento dessa discussão e também a questão da representação. ”

**Ariabo Umutina - MT**



“ O povo da Amazônia tem que defender aquilo que é o seu maior: que é o rio, que é a floresta. Defendemos rio, defendemos floresta, a gente não pode tirar um pedacinho, porque a gente sente a dor. Então é obrigação nossa, como mulher, de defender o que é nosso, de se juntar com os guerreiros. (...)Ainda quero comer cará, ainda quero comer peixe, eu ainda quero comer castanha. Aí eu pergunto, depois de 50 anos, será que vai ter tudo isso? Depois da contaminação do rio? Depois da destruição da Amazônia, será? Eu sei que vou morrer e não vou levar nada, mas eu sei que eu vou deixar para os meus filhos, eu vou deixar para os meus netos”.

**Alessandra Munduruku-PA**

## “É um elo que começa a se formar, é um embrião que começa a ganhar corpo”

“ Olha, a gente espera que cresça o movimento indígena, quando a gente aposta no movimento indígena. Espera que o índio tenha mais força, que tenha reconhecido o seu direito, eu falo isso com muita convicção, apesar de não ser indígena e lutar pelos indígenas aqui, precisa-se olhar com um olhar sim. Eu como branco falo pelas duas visões, eu acho que o povo indígena tem que ser respeitado, você tem que olhar, eu aprendi muito isso com os indígenas, as vezes a boa conversa, a boa expressão não lhe diz o que realmente você tá sentindo, as vezes com o olhar ele vai lhe falar mais o que você tá sentindo, qual a sua dor, aonde que tá doendo e eu aprendi muito isso aqui. Eu aprendi a ser mais coletivo, eu aprendi a ouvir mais, eu aprendi a aceitar a opinião das outras pessoas, mesmo eu não concordando, tem muito isso aqui, certo, você tem sua opinião, cada qual defende a sua e é votado uma assembleia e as vezes você defende a sua opinião que não ganha, mas é outra pessoa e você tem que concordar, certo? No povo Tembé eu observo muito isso do tempo que eu convivo aqui acontece muito isso é muito bonito, muito importante. ”

**Keite Moura – PA**

“Nós saímos daqui e vamos para nossos estados, para dentro das nossas aldeias e precisamos levar uma só fala, que é fazer valer os nossos direitos. Para que cada vez mais o fortalecimento seja feito de fato positivo com o movimento indígena”.

“É um elo que começa a se formar, é um embrião que começa a ganhar corpo e ele só vai ganhar corpo quando os povos indígenas se unirem com os quilombolas e com todos, para fazer esse protagonismo acontecer com os próprios brancos, que você pode ser branco dos olhos claros, mas você tem uma alma indígena, você não tá aqui por acaso, eu acredito muito nisso, mas o que corre dentro de você é uma alma indígena, nós precisamos

acreditar nisso, nós precisamos nos unir, porque se nós nos unir o próprio Congresso vai nos engolir”.

“Por isso do meu nome Patamaymu, A Voz da Terra, porque não se ecoa só a minha voz, ecoa-se a voz dos povos indígenas contra o retrocesso, contra nenhum direito a menos aos povos indígenas, porque hoje somos, fazemos essa resiliência, continuamos na luta e eu acredito que um fortalecimento de um povo ele vem a partir da sua base, a partir do momento que ele acredita, que aquela base é o fortalecimento de quem representa ele ou vai representar ele”.

**Telma Taurepang – RR**



“Hoje o que nós queremos é viver com essa diversidade que existe. Entender e compreender nossa forma de viver, nosso olhar específico. Nós entendemos que praticamos atividades milenares que tem contribuído muito não só para a nossa sociedade, mas para o nosso estado e para o mundo, principalmente para conservação e preservação do meio ambiente. Porque nós sabemos que nós vivemos em ciclos. Na natureza tudo que a gente faz, tudo que a gente produz, surte efeitos. E hoje esses efeitos estão sendo bastante negativos e podemos sofrer consequências piores futuramente. Nós entendemos que isso pode acontecer e vai acontecer porque da forma que está sendo praticado e desenvolvido nesses conceitos é muito preocupante e nós estamos sentindo isso lá na nossa terra na nossa vivência. Tudo traz essa mudança e é uma preocupação que nós temos também. E nós estamos aqui somente para viver conforme a Constituição estabelece e determina e nada mais do que isso. Mas sabemos que ninguém é obrigado a gostar de ninguém, mas também sabemos que tem que ter respeito, tem que ter diálogo e tem que ter essa discussão para que todos consigam viver da melhor forma possível”.

“Esperamos que a Assembleia ajude principalmente no fortalecimento da organização, porque o movimento indígena vai se renovando sem parar. Sempre temos que estar pensando como envolver mais pessoas, como buscar maior conscientização social, tanto dos nossos povos, quanto levar essa sensibilização para fora, para que também outras pessoas possam aderir e apoiar a causa indígena, tanto na questão indígena como na questão ambiental. Então, nessas assembleias a gente pensa em que estratégia a gente pode adotar nesse momento. Já consegui conversar com várias lideranças de várias organizações e tenho grandes perspectivas. Por exemplo, a questão do fortalecimento da representação política. O que cada liderança vai propor, enfim, vamos entrar em consenso para que realmente essas representações indígenas saiam daqui, isso é um dos objetivos”.



“Estamos satisfeitos com essa XI Assembleia, tiveram algumas ausências, esperávamos mais pessoas, mas sempre acontece uma coisa ou outra de imprevistos e algumas pessoas não conseguem chegar, mas com o que a gente tem já deu quórum, temos presença dos nove estados da Amazônia. Então está indo muito bem. Até o final a gente espera receber mais pessoas e juntos também amadurecer”.

**Ariabo Umutina – MT**

“O recado maior é assim, é para as pessoas que vão dirigir a instituição, o que eu espero da instituição é que não se repita o que os outros fizeram no passado, um dos piores momentos que a COIAB passou. Espero que levante essa moral, o respeito e a credibilidade do nosso povo. Outra recomendação que eu passo é que todos nós indígenas, de todas as etnias da Amazônia, tenham o compromisso de dar mais uma vez as mãos à COIAB e façamos o pagamento que hoje a COIAB deve e que esse pessoal que foram escolhidos tenham de fato compromisso, deem o melhor de si. Eu não espero que a COIAB me dê dinheiro, o que eu espero da COIAB é que ela busque defender nossos direitos.”

**Naldo Tembê – PA**



“A COIAB é de luta. A COIAB tem que buscar essa valorização da sua bandeira de promover os direitos diretamente lá da aldeia, valorizar o cacique, fomentar a cultura indígena, as suas tradições. É isso que eu penso, e é assim que a gente vai lutar até o último, os jovens estão vindo, é preciso que eles deem continuidade. Nós não podemos esquecer nossos velhos. São as cabeças que estão aí, e porque amanhã morrem, e nós não podemos adquirir essa sabedoria que eles têm. Então o museu que está aí, que muitas das vezes, os jovens, não se colocam para valorizar isso. Eu espero que essa juventude possa entrar aí e nós possamos dar continuidade nessa luta.”

**Marcos Apurinã – RO**

“Para mim está sendo uma realização pessoal enquanto militante do movimento Indígena, porque no movimento da COIAB, no movimento dos povos indígenas da Amazônia, a gente ouve falar desde pequeno. A gente que cresceu na aldeia assistindo às reuniões dos caciques, dos nossos avós, é uma coisa que a gente sempre ouviu falar. Então a gente estar presenciando e saber que aqui tem também a presença de lideranças que participaram da constituinte. Estar aqui com essas lideranças que estão vivas e que ainda estão participando do movimento, para nós, enquanto juventude indígena é um privilégio muito grande”.

“Então eu digo isso para vocês, temos que respeitar as nossas organizações tradicionais, nossos caciques, nossos rezadores, nossas organizações que nos representam, porque se nós não respeitamos as nossas organizações não esperem que o branco vá respeitar, porque o que ele mais quer é nos destruir. É o momento da gente se levantar e continuar a nossa mobilização. Eu quero contar com todos vocês para que juntos nós possamos definir a pauta do movimento indígena a partir dessa grande assembleia”.

**Eloy Terena – MS**

“Ao nível internacional todos os irmãos da COICA, os nove países e outros irmãos indígenas do Centro América, da Ásia, do Norte América estão dependentes do resultado desse soberano Congresso de COIAB”.

“Eu gostaria que ao final do congresso de COIAB, exista um mandato ou uma declaração, dos Tembé, por exemplo, onde todos de uma vez por todas tenha uma meta dos aspectos políticos cultural e territorial, governamental para que possamos fazer governo. Por que um não pode fazer governo? Nós sim podemos ser governo, podemos ajudar a resolver muitos problemas”.

**Arlem Uitoto – COICA**

Como ato final, foi retificada e aprovada em plenária a Declaração Rio Guamá, documento final da Assembleia, disponível no link: <http://APIB.info/2017/09/01/declaracao-do-rio-guama-documento-final-da-xi-assembleia-geral-da-COIAB/>, seguido da cerimônia de posse feita com danças e cantos do povo Tembé Tenetehar, consagrando assim os novos representantes eleitos.



## “A estrutura da Assembleia é um compromisso dos povos indígenas da Amazônia”

“Cada povo que sedia a Assembleia possui o compromisso de organizar essa estrutura. É a contrapartida da própria comunidade, da própria terra que recebe Assembleia”.

“Quando aconteceu no Mato Grosso, nos Umutina, os indígenas lá buscaram as parcerias locais e fizeram a estrutura, e nós nos preocupamos em organizar e mobilizar as passagens para os delegados e as delegações. Quando aconteceu no Maranhão, no povo Krikati também foi a mesma coisa, eles organizaram toda a infraestrutura. Eu estava lá também participando, era do movimento indígena estadual, a gente organizou tudo e a COIAB teve apenas a preocupação de trazer as delegações. Aqui da mesma forma, nós viemos para cá já há algum tempo, uma equipe pequena de 4 ou 5 pessoas, ficamos indo e vindo aqui na aldeia, conversando com a comunidade, dizendo o que era importante, como ter os barracões para receber o povo, ter a cozinha própria, nada muito elaborado, uma coisa simples, mas que dê conta de atender bem a todo mundo. Então, viemos ver as estradas, como seria a chegada das delegações, os Guerreiros da Aldeia se dispuseram a ficar lá esperando para ninguém se perder pelo caminho. É um envolvimento muito coletivo, não só da Aldeia que está recebendo, todo mundo se ajuda, é um momento de muita expectativa porque todos os povos da Amazônia Brasileira, todos os estados, ficam esperando esse momento, mesmo para aqueles que não conseguimos organizar as passagens, porque acaba que é muito caro se deslocar na Amazônia. É tudo muito difícil e nem sempre a gente consegue trazer todo mundo que precisa estar, mas os próprios estados se organizam com seus parceiros locais e dão seu jeito de chegar. Aqui metade dos delegados a COIAB trouxe e a outra metade foi a própria organização das regiões. ”

**Sônia Guajajara – MA**



“Sou cacique do povo Tembé da Aldeia Sede, localizado no município de Santa Izabel do Pará, nós estamos aqui a mais de 2 meses trabalhando, organizando tudo isso aqui para que pudéssemos receber esse pessoal que veio de outros estados. Para mim, essa Assembleia representa várias coisas, pois a COIAB nunca tinha se importado pelo estado do Pará, melhor dizendo, nós nunca fomos servidos pelo estado do Pará, então pra gente é coisa nova. Apesar de tudo, a COIAB era externa, a gente nunca ouviu falar, depois que teve esses atropelos, através da Nara que a gente começou a conhecer melhor e hoje a gente se sente feliz de estar sendo membro da organização e fazendo parte da

discussão. Para a gente é muito gratificante isso, até porque quando foi escolhido pra vir aqui, eu me propus a ajudar. Coloquei a aldeia a disposição, foi justamente para meu povo sentir de perto essa organização, para que a gente pudesse de qualquer forma contribuir, mostrar para a COIAB que também nós somos indígenas e somos dedicados”.

“A COIAB deu uma reunião pra escolha do local e nessa escolha aparecem várias pessoas que requerem a assembleia no seu município, no seu estado. Foi feita uma votação para o estado do Pará, que se colocou a disposição para receber. Nós participamos de dois processos, primeiro o estado, depois o povo sede. Tinha também Macapá, Altamira, Santarém. Essa escolha foi feita na última Assembleia da COIAB. Agora mudou, a cada dois anos será feita uma Assembleia”.

“Temos parceiros, além de ter parceiros, a comunidade é muito dedicada. Eu como cacique sempre mantenho o respeito com meu povo. Aqui no nosso território você vê as barracas feitas de palha, todo mundo teve sua parcela de colaboração pra que fizesse essas barracas, a gente faz o trabalho comunitário, como dizem mutirão, que todo mundo ajuda umpouquinho. ”

**Naldo Tembé – PA**

“ Nós não tivemos tanta dificuldade, então a gente só podia fazer o alojamento, eu acho que o alojamento nós não nos preocupamos muito porque a COIAB sempre fez a Assembleia na cidade onde tinha infraestrutura, hotel, fornecedores de alimentação, tinha tudo isso. Então, eu me preocupei de dar o melhor do meu povo porque esse é o melhor pra eles que são todos indígenas, esse é o melhor, então não teve dificuldade”.

“Para mim todos esses dias foram atordoados em termos de preocupação, para dar o melhor para o povo, para não adoecer, para não ter decepção, então a gente teve essa preocupação. Mas o pior da preocupação é chegarmos ao final desses 4 dias de movimento, porque querendo ou não a gente vai ter uma relação com as pessoas, aí o momento na hora da despedida é ruim, fico muito emocionado porque a gente passa todos esses dias com um bocado de gente, de diversas culturas diferenciadas, tem essas danças que apresentam aqui, que nós vimos todos esses dias e representa cada povo. Todas as preocupações, todos os serviços que a gente fez, batalhou dia-a-dia, pra gente é gratificante porque tá acontecendo uma Assembleia, realizando um sonho da gente, conhecendo, interagindo entre nós e mostrando nossa cultura. Não é todas as vezes e nem todos os anos que acontece isso”.

**Naldo Tembé – PA**



“ O nosso evento, a gente não tinha noção da grandiosidade que poderia ser. Toda a comunidade participava de vários eventos, de movimentações indígenas, de assembleias gerais e é primeira vez que a gente conseguiu sediar a Assembleia. Foi votado e porventura a Aldeia sede ela ganhou. Meu nome é Keite, nome mesmo não é apelido, eu moro aqui na comunidade a mais de 10 anos, não sou indígena, minha esposa é indígena, é Tembé, o meu cunhado é o Naldo Tembé e eu sempre trabalhei na questão, quando ele era vereador, eu era assessor dele, coordenador de campanha eleitoral, eu sempre estive ao lado dele no que precisar. Nós tivemos um compromisso de assumir a educação, hoje eu sou diretor da escola aqui indígena e ele pediu para que eu organizasse o evento, me colocou com coordenador geral do evento, que destinasse todas as coordenações e primeiramente teve uma contrapartida da comunidade e parceiros”.

“ Corremos atrás de parceiros pra fazer barracões. Pra arrumar a quantidade de palha, na nossa reserva não tinha essa quantidade, onde pegamos 9 mil palhas. Só para questão lá dos dormitórios, uns chamam ramada, barracão, a gente chama barracão. Então a gente estipulava 2 barracões de 40 metros por 5 seria o suficiente. Fizemos um orçamento e primeiramente 6 mil palhas e a gente conseguiu comprar no Igarapé Mirim, onde saiu cada uma a R\$ 1,00 que ela é grande é comprida e aí conseguimos parceiros, patrocinadores pra levantar isso aí. A contrapartida da comunidade era ir lá no mato tirar o pau, o cipó pra poder amarrar, aquele negócio todo, limpar, cavar essa é a parte da comunidade entre si, então a gente iniciou os barracões, só que faltou a maior parte cobrir: “olha, não tem mais, vamos arrumar onde?”, aí vai dá 3 mil palhas a mais acho que vai dar, conseguimos de novo, correr atrás de novo de parceria, conseguimos mais 3 mil palhas onde deu nos barracões, então aqui nós disponibilizamos algumas casas”.

**Keite Moura – PA**

“ Um exemplo, a aldeia foi contemplada com 100 cheques moradias do Governo do estado do Para, então o cara já tinha uma casinha de tábua, uma casinha de taipa, ganhou uma casa alvenaria aí mudou pra casa de alvenaria, aquela casinha de taipa ficou para abrigar alguns, só que o povo indígena quando vem as delegações eles querem ficar juntos, geralmente vem delegações muito grandes e não querem se separar e para a gente que está na coordenação fica muito difícil tentar comportar essa quantidade de pessoas na nossa comunidade, aí o que a gente fez? Cedemos a escola, cedemos a igreja, os locais maiores e a casa de farinha que comportava muita gente”.u a maior parte cobrir: “olha, não tem mais, vamos arrumar onde?”, aí vai dá 3 mil palhas a mais acho que vai dar, conseguimos de novo, correr atrás de novo de parceria, conseguimos mais 3 mil palhas onde deu nos barracões, então aqui nós disponibilizamos algumas casas. ”

“ Além do orçamento que nós tínhamos feito, teve a parte elétrica, parte hidráulica, de banheiro, essa questão toda, teve que somar mais, comprar mais fio, lâmpada para instalar onde não tinha, você tá entendendo como é? Mas eu falo assim pra vocês, a comunidade em si está de parabéns, nós tivemos a reunião com os professores indígenas e não-indígenas que dão aula dentro da área e decidimos as delegações, as coordenações, então nós tivemos uma reunião com os profissionais de saúde, os profissionais de educação e a comunidade em geral. Outro exemplo, você fazia parte da coordenação da limpeza, você pegaria os seus alunos, os seus alunos pegariam os pais deles e faziam um grupão, assim como a gente já tinha uma noção que a parte da alimentação, da cozinha e a parte de servir água, era da coordenação da água, da cozinha e dos banheiros, limpeza em geral, estas tinham que ser as maiores, a gente já tinha essa noção. Então a gente tendo essa noção e pegando pessoas que já trabalhavam em eventos como a nossa festa do Muquiabe, já sabia que precisaria cozinhar pra uma quantidade de gente, então vai se tornando mais fácil, mas para isso tem que ter todo um conjunto, uma força tarefa que apoie onde está fraco. ”



“Um exemplo, a aldeia foi contemplada com 100 cheques moradias do Governo do estado do Para, então o cara já tinha uma casinha de tábua, uma casinha de taipa, ganhou uma casa alvenaria aí mudou pra casa de alvenaria, aquela casinha de taipa ficou para abrigar alguns, só que o povo indígena quando vem as delegações eles querem ficar juntos, geralmente vem delegações muito grandes e não querem se separar e para a gente que está na coordenação fica muito difícil tentar comportar essa quantidade de pessoas na nossa comunidade, aí o que a gente fez? “Quando a COIAB passou todas as delegações que estavam vindo, tinha coordenador de delegação que disse “olha, saiu o ônibus vai chegar tal hora”, chega tal hora. Também tem van que chega sem avisar a coordenação, aí tinha que fazer uma força tarefa, “olha, tira daqui bora aqui, bora somar”. Um outro exemplo é essa parte de som, a cobertura a gente já tinha, mas o som é meu. Eu moro na comunidade, eu faço parte da comunidade, é doado.

A questão de boi, o gado foi doado pela comunidade, a comunidade arrenda uma fazenda e tem gado, a questão de peixe foi doado pela comunidade, a comunidade tem açude, faz um projeto sustentável e foi doado pela comunidade. A questão do gelo pra produzir água para o pessoal, pra COIAB não ter que comprar, gastar mais recurso já que a COIAB não tinha? A gente comprou um saquinho de gelo, cada um fazia na sua casa 3, 4 pedras de gelo, no dia a galera arrecadava e botava no isopor e servia, um trabalho em conjunto mesmo”. s maiores e a casa de farinha que comportava muita gente”.u a maior parte cobrir: “olha, não tem mais, vamos arrumar onde?”, aí vai dá 3 mil palhas a mais acho que vai dar, conseguimos de novo, correr atrás de novo de parceria, conseguimos mais 3 mil palhas onde deu nos barracões, então aqui nós disponibilizamos algumas casas”.

**Keite Moura – PA**

“Mas isso você tem que trabalhar, conversar, vários diálogos, reuniões pra poder chegar, eu acredito que já estamos chegando ao fim do evento e eu acho que todo mundo tá de parabéns, quem veio, quem participou e somou e a gente leva isso pra gente como experiência futura. A educação fez a sua parte, a liderança fez a sua parte, todo mundo fez sua parte, quem veio para o evento fez sua parte, quero agradecer quem veio participar e quero pedir desculpa se não suprimos todos, assim de uma forma que as vezes a gente tem que se doar no evento e as vezes você deixa alguém, “era pra mim ter dado mais atenção aqui, era pra mim ter dado mais atenção ali”, mas nós tentamos fazer o melhor, acredito que o caminho é esse”.

**Keite Moura - PA**

## **Aldeia do Povo Tembé Terra Indígena Alto Rio Guamá - PA**

“ Nós temos aqui na aldeia Sede no Alto Rio Guamá o Cacique Naldo Tembé e temos na aldeia Gurupi, o Kaparay, o Sérgio Muty, o Valdeci e outros caciques. Hoje no nosso censo em pessoas adultas acima de 11 anos, nós somos 276 pessoas, certo? Aqui os Tembé são divididos em duas associações, a AGITASE e a AGITARGMA. São todos Tembé, é tudo uma área, só que ficou para a AGITASE: a Aldeia Pinawá, a Aldeia Ituaço, a Aldeia Ipijhon, Sede, Ipijhon, certo. Aí da AGITARGMA são várias aldeias: Jacaré, Pirá, São Pedro, Frasqueira, Itaputyr, são mais aldeias só que em menor porte, você tá entendendo, menor porte, todos dentro da terra indígena Alto Rio Guamá, todas elas são dentro da terra indígena, Hoje nós temos 13 aldeias dos Tembé no Alto Rio Guamá, são 13 aldeias, cada aldeia tem sua liderança, cada aldeia tem seu cacique. ”

**Keite Moura - PA**



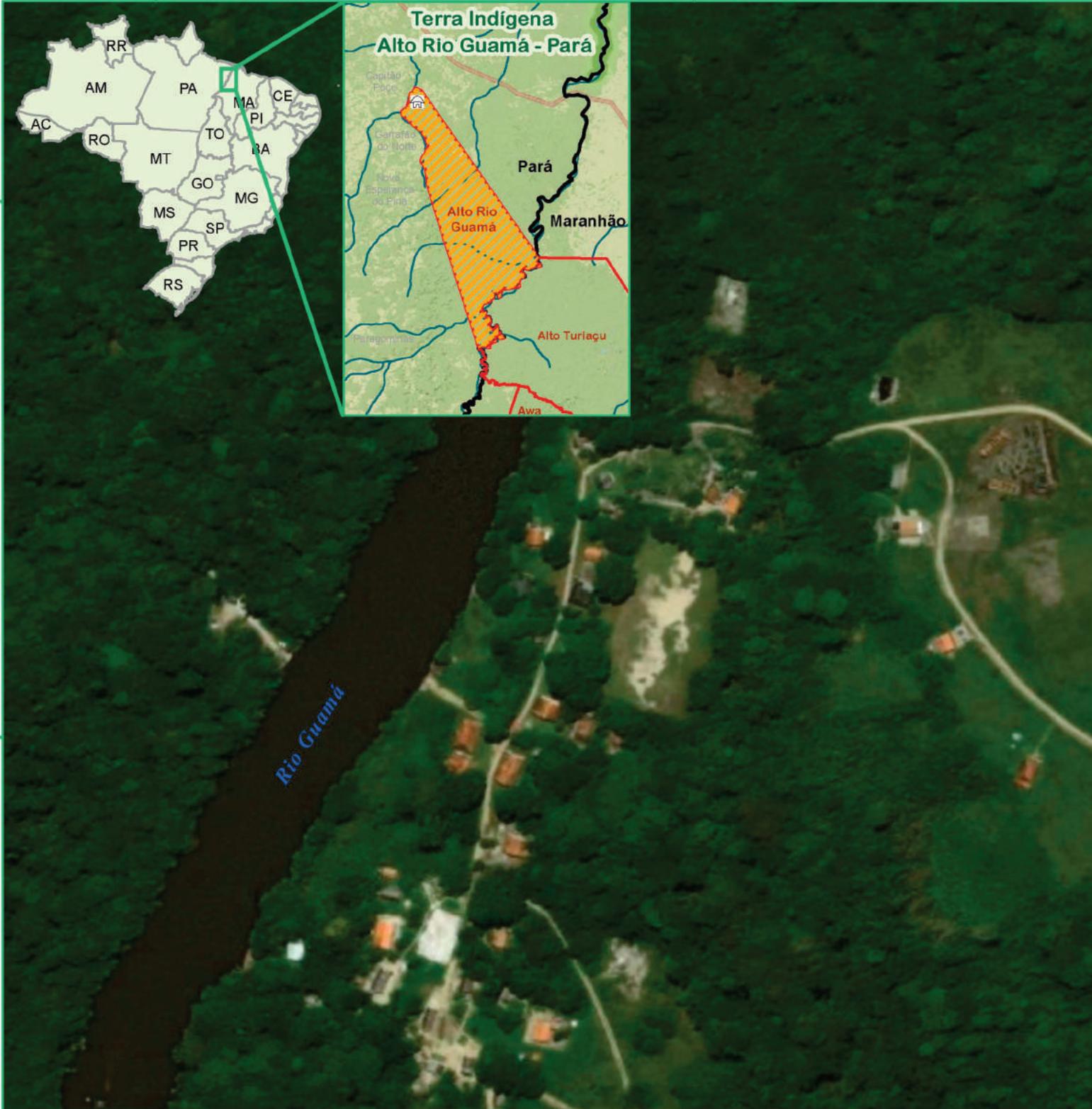
# Aldeia Sede - Terra Indígena

46°58'40"O

46°58'30"O

1°47'50"S

1°48'0"S



## Legenda

- |                |                      |
|----------------|----------------------|
| 1.  Ramada     | 5.  Banheiro         |
| 2.  Dormitório | 6.  Pintura corporal |
| 3.  Cozinha    | 7.  Credenciamento   |
| 4.  Refeitório | 8.  Barracão         |
|                | 9.  Padaria          |

## Convenções Cartográficas

- Cidade
- Aldeia Sede
- TI Alto Rio Guamá
- Terra Indígena
- Limite Estadual
- Hidrografia

0 2

Sistema

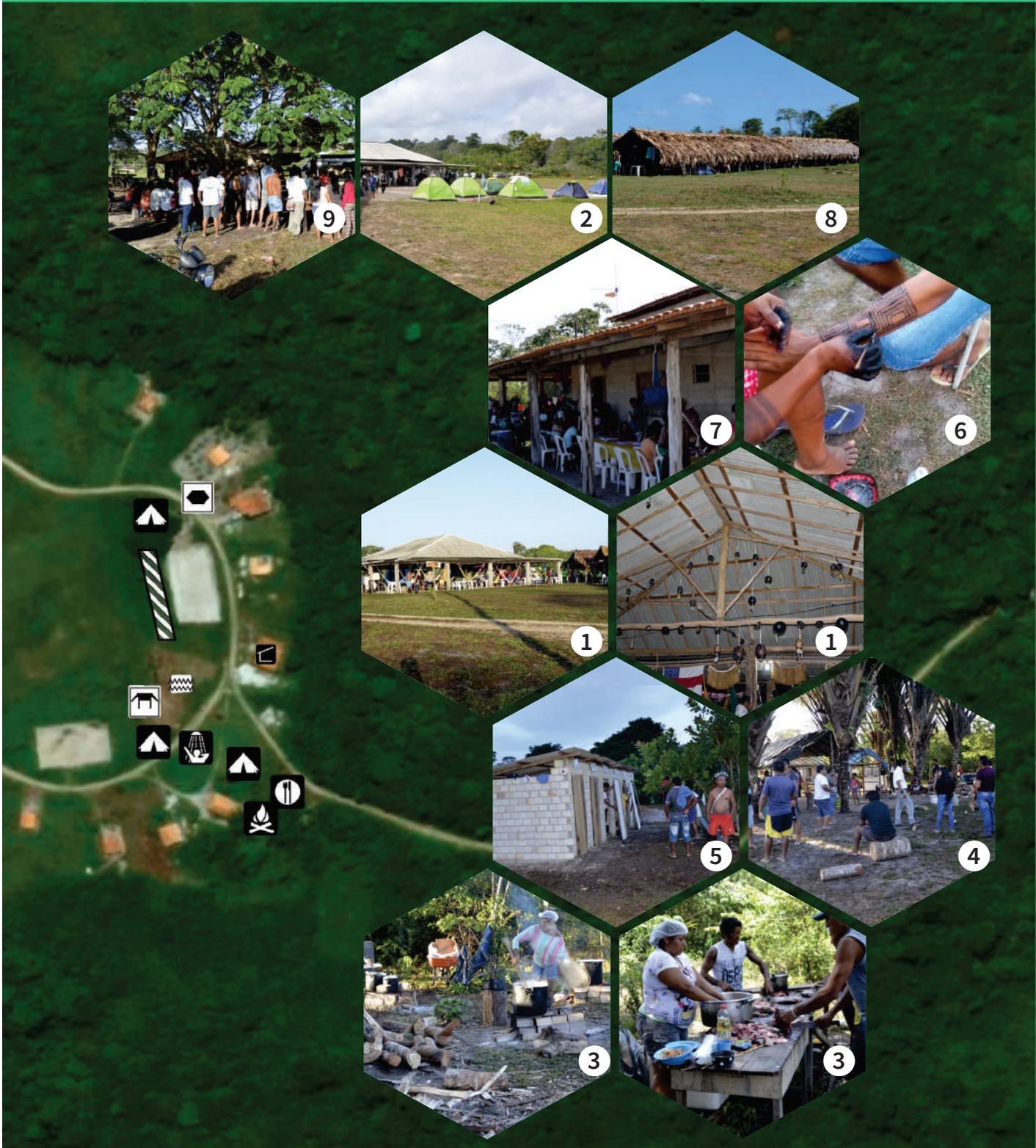
# Alto Rio Guamá

46°58'20"O

46°58'10"O

1°47'50"S

1°48'0"S



Escala: 1:3.000

0 50 100 150  
m

de Coordenadas Geográficas  
Datum: SIRGAS 2000



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia  
Conflitos Sociais e Desenvolvimento Sustentável no Brasil Central

Fontes: COIAB 2019, IBGE 2019; FUNAI 2019; ESRI.  
Coleta de pontos com receptor GPS:  
Pedro Henrique Mariosa (PPGCASA/UFAM; PNCSA)

Cartografia: Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira  
(PPGCSPA/UEMA; PNCSA)  
Outubro - 2019

## Processo Eleitoral: “uma organização que representa a Amazônia Brasileira”

“A COIAB tem 46 regiões que são a base geográfica desse movimento. Cada estado conforme sua composição de povos se divide nas regiões. No Maranhão, por exemplo, nós temos três regiões e cada região tem um conselheiro dentro da COIAB. Aqui no Pará que é um estado maior tem sete regiões. Conselheiro é o que faz parte diretamente do Conselho Deliberativo e Fiscal, CONDEF. No Amazonas, por exemplo, é o maior tem 16 regiões. Quando é o período das assembleias, cada região tem direito a eleger no mínimo três delegados e no máximo seis, que votam na Assembleia. É aberto a todo mundo, para as pessoas virem, se articularem, falarem, todo mundo tem direito de voz, mas na hora de votar somente os Delegados eleitos na sua região que tem direito ao voto porque se não fica um disparate muito grande, porque o estado e a Aldeia que recebe têm muito mais pessoas participando. Então é assim que a gente controla esse número dos delegados, que são permitidos votar”.

“Teve uma mudança estatutária na Assembleia passada. A gente se reunia anualmente. Acontecia o fórum permanente dos povos indígenas da Amazônia que é onde se discutia toda a política indigenista, as políticas públicas, sua implementação ou não implementação. E aí a gente adotou agora o seguinte: A cada dois anos tem Assembleia. De 2 em 2 anos é Assembleia Avaliativa e de 4 em 4 anos Assembleia eletiva. Então essa mudança de coordenação acontece a cada 4 anos”.

Sônia Guajajara – MA



“ Nós conseguimos ir nos 9 estados, nós conseguimos ir nas aldeias mais longes das cabeceiras mesmo com todas essas dificuldades. É trazer essa força do movimento, não somente dos povos indígenas da Amazônia que falam português, porque também nós temos poder e responsabilidade perante os nossos irmãos indígenas que ainda estão, que vocês chamam de voluntários, de povos isolados, mas que são nossos irmãos que estão ali não isolados e são livres de viver a forma como ele quer. Dos povos nós temos hoje aqui na Assembleia, existem povos de recente contato, que também estão juntando essa união, porque realmente é a união dos povos e de principalmente dizer que a Amazônia não é só floresta e que nós povos indígenas somos da floresta, nós somos do cerrado, nós somos da caatinga, nós somos da mata Atlântica, porque cada um complementa o outro. Por isso que nós somos ditos como povos, por essa diversidade e a nossa especificidade que precisa ser compreendida e reconhecida pelos movimentos indígenas”.

“ O próprio processo começa antes da eleição e é um percurso do período que você está no seu mandato. A COIAB que já teve recurso financeiro e hoje passa por uma crise financeira muito grande, mas a COIAB têm um peso político também grande. É reconhecida não somente aqui no Brasil, mas internacionalmente, por ser uma organização que representa a Amazônia Brasileira, os 9 estados, tendo uma base forte. Esse momento financeiro crítico fez com que a gente realmente colocasse a base sentindo COIAB e então mudar esse processo centralizador que antes havia de coordenador geral. A dificuldade fez com que o nosso mandato, como coordenadora tesoureira, o seu Maximiliano como coordenador geral, o seu Lourenço como vice coordenador e o João Neves como coordenador secretário, deixasse de viver uma hierarquia, todos nos sentimos e nos comportamos como coordenação”.

**Nara Baré - AM**



## “Caminhando juntos por uma COIAB melhor”



“Atualmente eu represento os povos indígenas de Rondônia no Conselho Nacional de Política Indigenista (CNPI). Já passei pela COIAB por dois mandatos: 2006 a 2009 e 2009 a 2013. 2013 a 2016 foi repassada à outra coordenação. E agora eu estou como um dos concorrentes. Meu povo mora no sul do Amazonas, município Boca do Acre, no rio Purus. Hoje nós estamos em aproximadamente 15 a 18 mil índios, no Amazonas e também em Rondônia. A nossa cultura ainda existe bem fortemente na nossa região, nós somos denominados por Popükare”. “Durante as últimas duas décadas eu vim ao movimento e tenho uma trajetória de contribuição pra política indígena e indigenista do país. Representei a COIAB na COICA, que integra o estado brasileiro ao ambiente amazônico”. “Em 2006, quando eu assumi a COIAB junto com Jecinaldo Sateré-Mawe, existia de fato um trabalho mais racional e em 2006, 2009 a 2013 junto com a Sonia Guajajara. Os problemas que enfrentamos hoje, eu enfrentei também, vindo de Rondônia pra defender os povos indígenas, as mulheres e os jovens dessa Amazônia, eu não vim aqui brincar, não senhor, eu vim aqui transmitir responsabilidade, eu vim aqui buscar junto com vocês uma solução pra amanhã, por esse motivo eu queria dizer pra vocês, todos aqui com certeza erraram e vão errar pra acertar, a unidade é o nosso futuro de amanhã”. “Nos 30 anos de COIAB é preciso ter mais amadurecimento, os jovens são promissores, eles precisam estar aqui na frente como a Nara, o CAFI foi um dos temas que eu levantei a bandeira, o Centro Amazônico de Formação Indígena. Se for ela que ganhar aqui a gente vai estar junto, se for eu que ganhar aqui eu preciso dela junto e assim como vocês também, não somos inimigos, o inimigo nosso está bem ali que são os parlamentares, que querem destruir a nossa terra a nossa vida. É preciso demarcar terra, é preciso a desintrusão dos territórios nossos dos posseiros, é preciso também uma alternativa de economia de sustentabilidade dos nossos povos, nós não precisamos estar mendigando. Pra concluir, nós não precisamos estar mendigando quando a gente tem 110 milhões hectares de terra em nossa responsabilidade, é preciso por os pés no chão pra autogovernar o nosso território, é por isso que nós estamos aqui pra poder fazer isso. Nara, obrigado minha parceira, boa sorte pra você e obrigado a todos!”.

**Marcos Apurinã – RO**

“Então, eu quero cumprimentar todos aqui na Assembleia, todos mesmo independente de indígenas, não indígenas e cumprimentar todos em nome de minha federação que hoje vem aqui me indicando, a FOIRN, cumprimentar a minha mãe que também está aqui presente, que por ela eu estou aqui porque senão eu não estaria e de dizer a todos vocês, que quando eu aceitei o convite em 2013 a gente sabia que a batalha de reerguer a COIAB não era fácil e que os erros do passado fizeram com que a gente aprendesse muito mais. Agora é com o presente que estamos vivendo e almejando o futuro que nós nos colocamos aqui pra toda essa plenária”.

Quero dizer também que com toda a dificuldade que nós tivemos, tanto eu quanto o Maximiliano, Lourenço e o João, sempre viemos firme, mesmo com toda a dificuldade, nós tivemos que retornar a base e trazer vocês até nós, se sentir COIAB. Nós tivemos 2 anos pra poder começar esse trabalho e que 2 anos é muito pouco, mas nossa pretensão era estar aqui enquanto coordenadora geral, de eu estar concorrendo a essa coordenação. Foi por um período que nós começamos e que precisávamos estar preparando outras pessoas para estarem aqui, não somente do meu estado, não somente de falar de homens e mulheres, mas de cada um que está aqui e precisa ter esse comprometimento de nós termos deixado a COIAB, que antes era muito centralizadora, agora participativa e que cada um faça parte desse processo.

Então com esse sentido eu venho aqui pedir humildemente que vocês me deem esse apoio, que vocês confiem em mim pelo processo e pela dificuldade que nós passamos. Quero lançar a vocês isso, pedir o voto de confiança por uma COIAB que queremos. Por todos esses retrocessos que estão aí e de dizer que independente, como o próprio Marcos colocou, nós não somos inimigos, aprendi muito com o Marcos com a técnica e apesar de muitos não terem colocado a credibilidade enquanto uma política, de dizer que para ser uma liderança, às vezes a gente não sabe quando a gente é liderança, mas a gente se torna liderança por vocês que nos dão esse apoio, então se eu consegui, não fui eu sozinha, fomos cada um de nós, foi o estado do Pará, foi o estado do Amazonas, foi o estado do Tocantins, foi o estado de Rondônia, foi o estado do Acre, foi o estado do Mato Grosso, foi o meu estado do Amazonas também.

Por esse sentido que a gente tá caminhando juntos por uma COIAB melhor, pra gente sair do centralismo, para gente colocar nossas diversidades como povos, mas também para irmos em buscar de realmente sair do discurso de unidade. Mais uma vez peço a confiança de vocês, o apoio de vocês, para contribuir como coordenadora geral para estarmos juntos por uma COIAB melhor. Obrigada!.”

**Nara Baré – AM**

Após estas falas deu-se o início da votação para a coordenação da COIAB. A votação transcorreu organizada por cada região. Os delegados eram chamados nominalmente pela comissão eleitoral para assinar a lista e votar de maneira secreta.

<b>DAS ELEIÇÕES DA XI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA DA COIAB</b>	
<b>Delegados presentes a votação</b>	194 delegados de 38 regiões
<b>Coordenação Executiva Eleita</b>	Coordenação Geral - Nara Baré
	Vice Coordenador - Mário Nicácio
	Secretário - Sitibro Xerente
	Tesoureira - Angela Amanakwa Kaxuyana
<b>Conselho Deliberativo Fiscal Eleito</b>	Presidente - Cristiano Xavante
	Vice Presidente - Ronaldo Amanayé
	Secretária - Simone Karipuna
<b>Representante da COIAB na APIB</b>	Sônia Guajajara

“ Olha eu vejo porque hoje nós nos dedicamos a votar na Nara, ela é uma pessoa, uma menina que sempre se dedicou ao que ela faz, ela se preocupou de buscar a credibilidade, a moral, o respeito que ela têm, mostrar para todos nós indígenas que somos capazes de fazer isso. Ela entrou numa organização que estava completamente acabada. A COIAB já teve seus melhores momentos, as melhores condições financeiras, os melhores parceiros que investiram e acreditaram, mas agora para o pior momento, que está desgastada, não tem mais nada, não tem parceiros que vão acreditar na COIAB, ela levou nas costas mesmo não sendo coordenadora, sendo secretária, ela foi buscar. Então, para a gente é muito gratificante ver parceiros igual aqueles que chegaram aqui pra assinar um termo de compromisso, para dar mais um pouco de credibilidade. Então por isso, pelo esforço, a gente apostou nela, para que finalizasse essa parceria, porque não é fácil, foi conscientizando todos os nossos parentes para dar esse voto de confiança nela e que seja realizado essa parceria para mostrar uma nova gestão. ”

**Naldo Tembé - PA**

“Sou povo Baré da Terra Indígena do Alto Rio Negro, do município de São Gabriel da Cachoeira, estado do Amazonas, conhecido como a cabeça do cachorro. Meu nome indígena é landára, landára significa esse Sol do Meio Dia, bem iluminado, bem forte, firme, a força do nosso sol. O nosso nome é escolhido pelo Pajé, ele benze os preparos das crianças, então ele que escolhe e passa para a mãe, então não somos nós que escolhemos é todo um processo. E que até então como coordenadora e ainda não tomei posse, mas a acabei de ser eleita como coordenadora geral da COIAB, onde a COIAB vai fazer 30 anos de fundação e primeira mulher a concorrer ao cargo de coordenação geral, que sempre foi ocupado pelos nossos guerreiros e que no decorrer do movimento indígena, nós mulheres vimos a necessidade de estar juntos com nossos guerreiros no enfrentamento do Estado Brasileiro, que vem nos perseguindo contra os nossos direitos, então pra nós é um marco muito grande, porque quando eu sai da minha região pra estudar, eu comecei no movimento indígena dos estudantes do estado do Amazonas do MEIAM. Fui eleita em 2013 na Terra Indígena dos Umutinas, no Mato Grosso, Cuiabá e essa é uma satisfação muito grande de ter vivido a COIAB, de ter sentido a Amazônia, apesar de eu ser do estado do Amazonas, nós conseguimos agregar a Amazônia como um todo, eu não fiquei somente na minha região, eu vivenciei a Amazônia e a minha candidatura e a minha eleição hoje não é nada mais do que realmente a aprovação da aceitação também da mulher nesse pleito junto com os homens. Você vê uma plenária onde a maioria são homens e um voto bem significativo e de dizer que não há disputa entre homens e mulheres, mas há um consenso do meu próprio trabalho junto com meus companheiros que estão deixando hoje e vou começar a estar como coordenadora geral”.

**Nara Baré - AM**



## “O protagonismo da mulher indígena”

“Sou Telma do povo Taurepang do estado de Roraima, primeiramente como povo, como etnia Taurepang, o meu nome na minha língua Patamaymu, A voz da Terra, uma mulher indígena que vem na luta a mais de 4 décadas. Então, a gente tem uma missão, meus antepassados vêm de uma linhagem de lideranças e a luta da mulher indígena na realidade vem quando há vários desafios por ela ser mulher, por ela ser indígena, por ela ser atuante, por ela ser várias coisas em um contexto, como mãe, como advogada, como psicóloga, como médica, então é um contexto muito grande. Resumindo a luta da mulher indígena, é principalmente quando ela sai dos bastidores faz o protagonismo acontecer”.

**Telma Taurepang – RR**



“ A luta é essa, das mulheres indígenas e a gente vem nessa luta porque eu acredito, porque minhas lideranças depositaram essa confiança em mim, caminhando em passos, não em passos lentos, mas acompanhando as discussões e hoje estamos lado a lado com o cacique, lado a lado com seu tuxaua e se há luta não é porque a mulher anteriormente não apareceu estamos aparecendo hoje, mas ela sempre foi atuante, ela sempre cuidou do bem viver do seu povo”.

“Se não existisse mãe do Naldo, que é uma grande mulher, uma grande guerreira, não existia Naldo. Estamos aqui também porque existiram grandes lideranças que nos empoderaram para que hoje estivéssemos aqui conversando de igual para igual. Hoje nós fazemos parte deste processo, nós não estamos nem na frente nem atrás, nós hoje caminhamos lado a lado. E isso é o importante para todos nós. ”

**Telma Taurepang – RR**

“ Hoje nós saímos do protagonismo como meras coadjuvantes e estamos aqui, temos hoje Sônia, Nara Baré, e temos outras que surgem. E o que me deixa muito feliz é o empoderamento das jovens mulheres.

E hoje nós temos algo muito importante que nós precisamos assegurar: hoje nós temos várias mulheres formadas, cito aqui o nome da doutora Joêmia, uma grande advogada e outras mulheres que hoje também terminam sua faculdade com muita luta, porque além de ser mulher e mãe de casa ela tem o esposo para cuidar, os filhos para cuidar, muitas vezes ela não é compreendida e é cobrada demais. Só que nós temos algo hoje que os caciques estão reconhecendo de fato: a importância da mulher nessa luta, a importância que nós temos para fazer valer os nossos direitos, para fazer valer essa grande luta que está aí, dentro dos nossos

Será que conquistamos esse espaço? Essa é minha pergunta que fica pra cada um de vocês. Ou será que temos que conquistar? O que falta? Já estamos bastante empoderadas? Eu acredito que sim. Porque se não, nós não estaríamos aqui. ”

**Telma Taurepang - RR**



“ [...] acabei de ser eleita como coordenadora geral da COIAB, onde a COIAB vai fazer 30 anos de fundação e primeira mulher a concorrer ao cargo de coordenação geral, que sempre foi ocupado pelos nossos guerreiros e que no decorrer do movimento indígena, nós mulheres vimos a necessidade de estar juntos com nossos guerreiros no enfrentamento do Estado Brasileiro, que vem nos perseguindo contra os nossos direitos, então pra nós é um marco muito grande, porque quando eu sai da minha região pra estudar, eu comecei no movimento indígena dos estudantes do estado do Amazonas do MEIAM. Fui eleita em 2013 na Terra Indígena dos Umutinas, no Mato Grosso, Cuiabá e essa é uma satisfação muito grande de ter vivido a COIAB, de ter sentido a Amazônia, apesar de eu ser do estado do Amazonas, nós conseguimos agregar a Amazônia como um todo, eu não fiquei somente na minha região, eu vivenciei a Amazônia e a minha candidatura e a minha eleição hoje não é nada mais do que realmente a aprovação da aceitação também da mulher nesse pleito junto com os homens. ”

**Nara Baré**





**PROJETO  
CONFLITOS SOCIAIS E  
DESENVOLVIMENTO  
SUSTENTÁVEL NO  
BRASIL CENTRAL**

**BOLETIM INFORMATIVO**  
Número 5/ Outubro 2019

1. Resistimos para existir: dizemos não à usina nuclear no São Francisco.
2. Articulação vazanteiros em movimento.
3. Vai derrubando tudo pela frente: os efeitos dos megaempreendimentos.
4. Agronegócio da cana de açúcar no sudoeste do Maranhão: processos de devastação dos babaçuais e reinvenção da mobilização política.
5. **XI Assembleia Geral da Coordenação Indígenas da Amazônia Brasileira: pela garantia e proteção dos territórios.**



**UEA**  
UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DO  
AMAZONAS



**PNCSA**  
Projeto Nova Cartografia  
Social da Amazônia



**FORDFOUNDATION**

